

O GUAYBA.

PERIODICO SEMANAL, LITTERARIO E RECREATIVO.

Anno 2.

No. 29.

Assignatura mensal 1:000 Rs; paga em trimestres adiantados. Para fora da Capital: Semestre adiantado 7:000 Rs.

REDACTOR : CARLOS JANSEN.

A MULHER.

Quando escrevemos o nosso artigo — A mulher — não adinhavamos, bellas leitoras, que o genio do homem, amante de contrastes, iria procurar nas idéas do nosso escripto o que tivesse escapado de pouco lisongeiro para saturar uma resposta que nos furtariamos de publicar, se não houvesse nisso um quer que seja de util, ao mesmo tempo que divertido ; todavia nos comprometendo á sustentar os direitos do bello sexo para quem o nosso periodico dedica a melhor parte de suas columnas, esperamos que por isso não deixem ellas de lêr o artigo do nosso correspondente.

Sr. Redactor do *Guayba*. — As idéas, sobejamente poeticas com que um dos seus collaboradores em um dos n.º passados descreveu a mulher, tocando-nos a sympathia, nem por isso deixarão de acender em nós o pensamento de que certamente o autor do artigo estava enamorado. Quando se falla de uma cousa é mister encaral-a por todas as suas faces. Se do lado azul é mais bonito, não é bom esquecer que o reverso póde ser encarnado. Com effeito : não tem a mulher outras virtudes que não a de ser o typo da verdadeira perfeição ? Vejamos :

A moça que visita companhias de importante posição, que vivendo pobrememente, é comtudo recebida nas salas de brilhante sociedade, que tem alguns cortejos de adamados dandys, viventes molles que caminham nas ruas, para privar que ellas se troquem de lugar e que pisa com o tazão do seu sapato no tapete mimoso de um salão, sem reparar que o tecto

tem molduras de ouro falso, não terá por certo uma opinião de cabo de esquadra quando engeita este porque é feio e aceita aquelle porque é bonito ? Uma moça rica que tem á noite sua casa cheia de hospedes que a pretendem, que a embriagão com o fumo de suas lisonjas, não dará uma cabeçada de meter medo quando repelle este porque veste mal e aceita aquelle porque faz bons versos ? Não será grande loucura pretender que haja talento onde não se encontra um fundo experimentado e que haja dinheiro onde apenas se vê roupa bonita ? Será que um rapaz rico tenha um coração mais brando do que tem o pobre artista, que se nivella com o povo, que sabe viver a vida das necessilidades, que não suspira por um dote para casar a sua pobresa e que passa lentamente á porta da *figurona* ouvindo-lhe um muchoquinho de fôfa presumpção ? Oh ! a mulher é uma medalha de ouro com as costas de impuro zinco ! A mulher é tambem uma má perola que vem roubar o lustre da corôa de um rei ! Ella amou a vez primeira, arrebatou-se, abateu-se — casou ! Oh ! a mulher tem um sceptro de ferro no seu reinado domestico ! Quantos maridos não suffocão a lagrima que o arrependimento lhes brotou ? Ella amou em quanto não venceu ; tem o seu dominio — abusa ! Oh ! se a igreja houvesse de attender aos suspiros que tentão arrebear o nó sagrado que allí fingida e interesseiramente unira dois corações, talvez que as leis canonicas prohibissem o matrimonio.

A mulher é mãe. — Oh ! vós não vêdes como aquella educa seu filhinho ; yae vellejar num bailé ao redor da sala e emprega seu filho á espionar seu pai, que fica no sofá gastando as horas em aborrecer-se com um jornal : as fumaças que lhe sobem conduzem seu pensamento até onde está a mãe de seu filho e este passa-lhe furtivo na vidraça e ella... nem suspeita do que allí vai de amor e de paixão. Chegou a mulher na idade mais christã : é a mulher devota — a supersticiosa filha das crenças populares,

a mulher má, a mulher perigosa, que ensina o filho á tremer do trovão, á resar pelo relampago e a impressionar-lhe á idéa com theorias pouco sensatas: se o marido intelligente quer lavar-lhe seus prejuizos: — E' um tyranno, que pretende roubar-lhe a preciosa herança de seus pais! E esta é muitas vezes a *mulher-christã*, essa que o seu collaborador, talvez maniaco de alguma, chamou flôr do Eden, filha do sol e não sei se neta da lua!

Até outra vez.

O encarnado.

PAGINAS TRUNCADAS

DA VIDA DE UM ARTISTA.

(Continuação.)

VIII.

Era uma tarde de verão....

Em lãgue abandono a natureza inteira parecia adormecida aos tepidos, perfumosos sôpros de uma brisa impregnada de molle voluptuosidade, que com seus beijos encrespava apenas a azul superficie do ameno lago....

Silencio era tudo.... se ouvia apenas do quando em quando o ciciar das arvores, que estremecião a altiva coma aos fluidos atmosphericos....

Só nós velavamos....

Só nós viviamos essa vida activa e animada.... essa vida mystica do sentimento, que só conhecem, que só sabem fruir dous seres entre si identificados, — dous corações, que de accordo palpitão — duas almas, que mutuamente se comprehendem, que vivem muito além do estúpido materialismo, d'esse tórpe mundo de baixezas e miserias....

Sim! só nós viviamos.... só nós velavamos, afanosos correndo um para o outro....

E ás quatro horas juntos chegãmos ao nosso em-
prezamento, á nossa mysteriosa Gruta....

Oh! e como ella estava bella com seus longos cabellos singellamente entrancados.... seus negros olhos ternos e amortecidos pela insomnia.... sua tez morena empallidecida.... seu esbelto corpo envolvido num simples roupão côr de rosa secca!...

Era uma das virgens celestes, que Deos dispensára essa hora de seu culto, e baixára á terra para purifica-la e embalsamal-a com seu halito divino!...

— Minha Elmina!...

— Meu Carlos!...

Taes fôrão as primeiras palavras, que, unisonas partindo de nossos labios, juntas forão cahir em nossos corações, como a gotta do vivificante orvalho no calice da flôr....

Ella abrio-me seus braços.... quiz langar-me nelles,

mas não me atrevi!... cahi de joelhos... e beijei apenas a fimbria de seu vestido....

Levantou-me carinhosa.... e deu-me ruborisada sua mão á beijar.... e a esse contacto estremeceu toda....

Pobrezinha!... era a primeira vez que sentia o roçar de uns labios de homem, de um joven ardendo em febre e paixão, queimar-lhe o sangue....

E ficou apoz tão triste, que eu perguntei-lhe:

— Que tens Elmina? Ha em tua phisionomia um toque de tão profunda melancolia, que....

— Nada, meu Carlos.... não te afflijas.... sonhei contigo... e....

— E então te entristeceo sonhar comigo?

— E podes pensal-o?!. ah! Carlos! quanto és injusto!..

— Perdão, Elmina!... amo-te tanto!.... explica-te....

— Sonhei contigo.... mas esse sonho.... foi máo.... sonhei que por muito tempo nos tinhamos terna e apaixonadamente amado, e que.... quando iamos consolidar esse amor, cordar nossos sacrificios, vêr enfim o complemento de nossos votos.... a fatalidade.... o acaso.... que sei eu?... nos separava para sempre!.....

— Ah! infausto sonho!... quem sabe — não é elle uma predição?!

— Que dizes Carlos? Tambem és visionario e supersticioso?!. acaso crês na veracidade dos sonhos?

— Oh! é que muitas vezes o sonho é o prologo da realidade!....

— Pensas assim?!

— Talvez... Elmina....

— Que podes reccar, Carlos? Temes acaso que eu te perjure, que te seja infiel? Temes um rival? Temes o mundo, suas pompas e seducções?

— Quem sabe, Elmina?... Nao tenho por apanagio mais que o obscuro nome de Carlos, um grosseiro pincel, um mal-afinado bandolim.... sou artista... sou pobre!... em quanto que tu és rica d'encantos e fortuna, — és bella como a rosa branca de teu jardim, — tão pura, tão innocentinha, como a aragem doce e fresca d'arvo-rada.... e o mundo é tão egoista, tão máo, tão trai-goeyro, tão infame, tão corruptôr e tem tantos attractivos!... Elmina!... o brilho do oiro deslumbra!... os bai-les, as festas, a profusão, o luxo fascinão e encantão!... o insenso, a lisonja, as palavras assucaradas embriagão, delectão, seduzem!.... ah! Elmina! ainda não conheces esse lodagal impuro, onde se corrompem todos os senti-mentos, se polluem todas as crengas.... onde se prosti-tue tudo... a candura, a pureza, a santidade de um anjo!... não conheces esse abysmo... e se nelle incauta te arro-jas... ai! de ti, Elmina!... ai! de nós ambos!.....

— E não sabes que tudo isso é nada para uma mulher, que verdadeiramente ama? Ah! quão mal me conheces, Carlos!... não sabes que para mim teu nome — só — vale mais que um throno, que o mundo in-uitiro? Não sabes que em ti resumo todo o univesso

toda a felicidade, todas as riquezas, — tudo, que ha crendo, que imaginar-se possa de grande, de bello, de sublime, que já sem ti é-me impossivel a existencia, — que és a alma de minha alma, a vida de meu viver?

— Como é grato ao meu coração ouvir-te fallar assim! Ah! praza ao céu — seja sempre essa a tua linguagem para mim!

— E ainda duvidas? Ingrato, mil vezes in-grato!!

— Ah! ainda uma vez — perdão, Elmina!... eu tresvario.... sou um louco.... temo' tanto perder-te!...

— Eu te perdão.... um dia te provarei quem sou!... Mas deixemos agora esses tristes pensamentos.... o futuro pertence á Deos e só á Deos!... cuidêmos do presente.... gosemol-o em quanto é nosso!... cil-o que foge.... um minuto decorrido apenas e no abysmo insondavel do passado já sumio-se e se perdeu para sempre!... Sim, meu Carlos! fruamos a ventura, com que o céu nos mimosêa agora!... oh! não envenenemos a taça tão pura de nossos innocentes praseres com a prevenção do suppostos males!... Meu Carlos!... és meu, sou tua... que nos falta? Somos felizes!... alegra-te.... sim.... alegra-te, querido Carlos... sorti-te... assim... oh! como és bello!.. Breve se vai findar o nosso entretenimento de hoje... cantemos um pouco.... sim.... cantemos o nosso tão ditoso amor, que com tão lindas côres se desenha em formoso horisonte!

E assim fallando, tomou sua harpa e depois de um curto, mas gracioso preludio, cantamos assim:

Quaes dous tenros bôtoes na roseira
Suas hastes enlaça'o naseer,
E assim crescem, vegetalão ligados
Té aos gêlos do inverno merrer....

Nossas almas, unidas no berço,
Hão de juntas, bem juntas viver,
No praser e na dôr — sempre unidas
Té ao throno celeste se erguer!...

Elmina.

Negue o sol para mim o seu brilho...
Seu aroma p'ra mim negue a flôr...
Não mais logré um sorrir da ventura...
„ Se algum dia perjura te fôr!... „

Carlos.

O mais doce praser — para mim
Se converta na mais atra dôr...
Só espinhos eu colha na vida...
„ Se um instante perjuro te fôr!... „

Ambos.

Um do outro seremos p'ra sempre,
Um p'ra'o outro tão só viveremos...
Sempre unidos assim — tão ditosos—
Do poder té da morte rirêmos!!!...

Aqui findou nosso „ primeiro canto de amor, „ un-gido com nossas lagrimas....

Oh! e que não daria eu por possuir hoje uma d'essas preciosas perolas, que, fugindo de seus olhos, se vão perder no mar de teite de seu virgineo colo....

O sol porém, deitado em seus fôfos coxins de pur-pura orlados de prata, já se havia escondido no rubro horisonte e a nossa separação era forçosa.

Tocámo-nos as mãos, e ao dizermos:

— Adeos!...

um beijo, que sôou tão puro, como a notta vibrada na lyra de um anjo, sellou as nossas juras de — amor e constancia!.... —

IX.

A' esse dia succedeo outro... mais outro... mais outro.... e ella — constante sempre.... e eu — amando-a, de hora á hora com mais delirio, com mais frenesi, com mais fogo e mais paixão!...

Sim!...

Que ella era meu mundo, meu céu,
Minha estrella, meu norte, meu guia,
Meus amores, a minha alegria...
Era tudo, que eu tinha de meu!...

Nos seus olhos a vida bebia;
Nelles lendo risinho o porvir!...
No seu rir — uma esperança entrevia
Do — feliz — mil venturas fruir!...

Oh! como era limpido o sereno o céu, de nossos amores!... e, se alguma nuvenzinha acinzentada vinha de leve toldar-nol-o, era para depois mostral-o mais azul, mais ledo, mais faceiro, mais brilhante ainda!...

Então — que soberbos castellos não nos erigia a esbraseada mente!... de que ricos, exquisitos arabêscos não os adornava!...

Que expressivo colorido tinhamo' todas as nossas imagens!...

Que lindas, verdes, esperanças incessantes germinavão e vigorosas se ostentavão em nossos corações!...

Que sonhos feitiçeiros, que scismas encantadas nos emballava o doirado, mimoso balxel d'esse viver — preludio formoso de outra vida mais poetica ainda, mais delectosa, mais cheia d'encantos!!!...

Ah! quanto eramos felizes!...

(Continúa.)

Eu fui sem deixar os olhos em casa, porque carecia d'elles para reconhecer os devotos que não só ao Sr. Fulano sabem *beneficiar*; aos nomes que não pertencem á terra tambem ha como manifestar-se grato. Com effeito a Senhora Madre de Deos tem ainda muito bons christãos na cidade de que é padroeira: não briguem por isso as irmandades de novo — Madre de Deos é Senhora das Dôres são dois nomes distinctos tão real e perfeitamente como na Folhinha.

Com todos os entroparenthesis de que o palhaço abunda quando se faz éco dos annuncios da companhia, tenho de fazer *publico* ao respeitavel *publico* que o *publico* do céo agradece pela Senhora das Dôres o beneficio que o *publico* da terra fez na tal noite de Quinta-feira e para não lhes dar algum aparte que desgoste pela escolha do divertimento passarei ao baile — encyclopedico:

Estava o salão lusido; as almas estallavão de curiosas; os instrumentos dormião sobre as notas cidentes que habeis dedos lhes ião furtar; as vozes tinham suas melodias guardadas cuidadosamente para rasgar nas primeiras vibrações o mysterio de todos os corações circumstantes; o zabumba roia no seu amplo ventre as invejas que lhe começavão á emover, e até eu ao escutar as harmonias que vinhão travessear-me na imaginação, acompanhava com a cabeça e com os labios o compasso das ondas resoantes. Devez em quando a execução de uma cantora parecia-me tomar todos os elogios, mas para logo vi que era illusão, e que nem uma ia ceder de seus triumphos. Uma voz máscula desempenhou satisfactoriamente os trechos que lhe couberão, mas entre as vozes femininas havia uma tão doce, tão natural, tão segura e desafectada, que fazia maravilhosamente nupcia com a expressão d'aquelle placido semblante e d'aquelle olhar vivo e persuasivo entre a languidez e melancolia de uns e o animo e energia de outros.

A flauta e o piano não podião ir melhores; finalmente o lundum-brasileiro, que tantas contorsões promove em órgãos como os meus, veio atirar-nos cheios de vida para as *lautas* quadrilhas, onde muita gente boa fabricou excellentes *crochets*, que sempre é melhor do que ser sentinella da Thesouraria Provincial, porque essa *faz chapeos*; eu sim é que não *arreo parada*: danço, rio, brinco, converso... converso o que?... Ora, eu lhes conto: o primeiro par que eu pretendi tirar, era uma cantora — d'essas porém não colhi eu nem um suspiro; pois bem, tocou-me porém uma espirituosa mequina que n'um s' adeos, como estás? — esbandehei-me quasi todo o teclado eupidínico. Fallámos por tanto de espirito, do espirito passámos ao álcool, do

alcohol ao azougue, e do azougue á polvora, e por fallar em polvora, disse-lhe eu, que isto era genero de grande importação actualmente, apesar de certas medidas á respeito de um deposito; emfim depois de discutirmos sobre vestidos, vontade de comer, ainda que fosse um pãozinho de centeio, etc. etc. entrámos em uma gostosa analyse.

Os cavalheiros passávão fallando cada qual da sua industria: uns no *preço das farinhas*, outros dizião que nem *forrados com setim* o coração das moças valião meio tostão, outros que o *elixir de amor* concertaria as sete cordas que Mr. Tronconi acabava *justamente* de rebentar; estes comparando o seu *vis-à-vis* com a *de quinta de Palermo*, distribuia as posições do exercito brasileiro por exemplo — aqui estava o 2.º Regimento, e apontava para um celebre nariz que lá appareceu, como as mariposas na vespera da chuva; acolá o 4.º etc. e n'isto passa um outro com as mãos nos bolsos e diz á uma Sra:

— Tem par para a terceira?

— Não Sr., responde ella.

— Pois, então trunfo e páos — *marco 5!!*

Eis-aqui os episodios que nós applaudimos em quanto se organisava a *Quatorzima* quadrilha, e eu fiquei firme como um coqueiro defronte da porta no Imperio do Divino.



Vá em lugar de charada a tradução promettida dos versos italianos:

Bem como flor nascida em horto ameno,

Livre de gado inesto, ou duro arado,

A quem da viração bafo sereno

Suavemente amima, e o sol dourado

Regalá, e nutre a chuva em bom terreno

De vigoroso braço cultivado:

Moços e moças muito a cobiçarão,

E adornar-se com ella desejarão.

Mas se cortada foi d'unha invejosa,
 Não a cobição já moços, nem damas:
 Tal é a virgem candida, e formosa,
 Por quem todos concebem vivas chammas,
 A qual tanto que perde a flor minora,
 Por quem tu, lero Amor, tanto inflammas,
 Com a sua gentileza, e graças bellas
 Nem mancebos encantão, nem donzellas.

(Tristes verdades para a humanidade feminina !)

E agora *Freguezes, salamalai kom!* assim dizem os turcos despedindo-se, que quer dizer — a saude vos acompanho.

O Freguez.

Romances e Novellas.

CAIN,

O PIRATA.

ROMANCE DO CAPITÃO MARRYAT.

(Traduzido para o Guayba.)

CAPITULO VI.

O ASPIRANTE.

(Continuação.)

Temos relatado esta pequena scena para dar ao leitor uma idéa do caracter de Edward Templemore. Ninguem com effeito era mais alegre e melhor companheiro do que elle. Tinha affeição ao primeiro tenente, ainda que recebesse d'elle continuas reprimendas.

Não pretendemos que Edward tivesse sempre razão de rir e que M. Markitall fizesse mal em reprehendê-lo, mas, como dizia o capitão, ha tempo para tudo e os risos de Edward não erão sempre á tempo. Emfim essa disposição estava em sua natureza. Alegre como uma manhã de primavera, contente com todos, fazia-se amar d'aquelles que o conhecião e nem os annos, nem as fadigas, nem as vicissitudes poderão reprimir esse espirito independente e alegre.

Elle fez seo tempo de serviço, esteve á ponto de ser demittido por ter rido no exame; voltou ao mar rindo, foi recebido á bordo de uma corveta franceza, onde de tal modo se divertio com o pequeno capitão e sua velha durindana, que por fim recebeu d'essa mesma arma um golpe que o estendeu sobre o convez. Graças á esse desfecho e em consideração á sua ferida, foi promovido ao posto de primeiro tenente e mandado para as Indias, onde elle rio-se da febre amarella. Empregado em uma embarcação de guerra da companhia das Indias, um bello schooner, recebeu ordem de ir crusar sobre as costas para as presas de dinheiro, do que o almirante recolhia o lucro, em quanto offerecia ao joven maritimo meios de adiantar-se, se o acaso lhe deparasse algum encontro feliz.

CAPITULO VII.

A BAHIA DORMENTE.

Na costa occidental da Africa existe uma pequena bahia, á qual tem sido successivamente dados muitos nomes pelos navios que tem pairado em suas agoas. O que ella recebeu do corajoso portuguez que primeiro penetrou pelo oceano Atlantico tem sido esquecido — assim como a preeminencia maritima de que gosava sua nação. Nunca se soube exactamente que qualificação lhe derão os naturaes do paiz; entretanto ella se acha notada nas antigas cartas, com a de bahia dormente.

A terra firme, em que ella se formou, offerece pelo prolongamento da costa uma quantidade de portos cuja utilidade presente é pelo menos duvidosa.

Por detraz extendia-se uma plaga arenosa, despida de toda a vegetação onde se elevão pequenos outeiros que são muitas vezes balidos pelas ondas furiosas do oceano e offerecem o aspecto mais selvagem.

A paisagem do interior se envolve em um reflexo especular, ao travez do qual se descobre, dessiminadas á grandes distancias, algumas esguias palmeiras — tão tristes e ressequidas por uma atmosphera abrasadora, que aprezentão á vista alguma cousa muito differente de sombra e verdura. A agoa da bahia é socegada e transparente como um espelho de Veneza. Nenhum rumor quebra o silencio, que alli reina, nenhum sôpro enrug a superficie aquecida pelos intensos raios de um sol, que busca as altas regiões do céu. Não se vê uma só ave balangar-se nos ares, ou deslisar sobre as ondas, em quanto seos olhos avidos vão procurar no fundo sua presa para abater-se sobre ella. Tudo é solidão e tristesza e só algumas vezes, monstruosamente eleva-se preguiçosamente sobre as agoas, ou alquebrado pela força de ondas tempestuosas, vai estender-se sobre a ardente areia. Esta plaga esteril, privada de movimento e que parece repellir o homem, não poderia apresentar-se á imaginação com snas verdadeiras côres, senão quando

por contraste, se tivesse á vista as serranias de gelo do polo arctico e se soffresse todas as influencias atmosphericas d'esse rigoroso clima.

Na entrada da habia, em trez bragas d'agoa pouco mais ao menos, via-se uma ligeira amarra que parecia ter cahido do bordo e sustentava facilmente uma embarcação cujas formas encantadoras terião atrahido a attenção e a admiração dos conhecedores em qualquer parte do mundo onde este tivesse apparecido. Estava immovel como a morte. A perfeição de suas dimensões faria com que o tomassem por uma d'essas maravilhas da criação, lançada no oceano para augmentar a variedade e magnificencia das obras do grande architecto do universo.

Nada de mais seductor se podia encontrar do que essa amostra da sciencia humana, cuja forma bellissima e mastros afilados erão os unicos objectos que dividião as ondas do firmamento.

Entretanto sua construcção tinha sido calculada pela avareza para favorecer a injustiça e a crueldade e depois foi empregado em um uso mais infame ainda: de negreiro que era, passou á ser empregado na pirataria com o terrivel e afamado nome de—Vingador.

Não havia um só navio de guerra que percorresse os mares, cujas instrucções não recommendassem expressamente a perseguição d'aquelle pirata que, em suas criminosas emprezas, tinha até então gosado de uma felicidade insolente. Não havia um só navio mercante, cuja equipagem não tremesse ouvindo pronunciar seu nome e recordando-se dos actos de ferocidade commettidos por sua barbaridade. Tinha-se mostrado em todos os pontos, á oriente, á occidente, ao norte e ao sul, por toda a parte tinha deixado signaes de seus ruubos e carnificinas. No momento em que o apresentamos ao leitor elle ostenta toda a sua magica belleza. Seus lados negros são ornados com uma estreita cinta vermelha; seus mastros pyramidaes rivalisão de symetria; suas gavesas, suas vergas e mesmo suas talhas e moitões são de uma brancura resplandescente. Vêem-se toldos á ré e á prôa para proteger a equipagem contra os ardôres do sol; os cabos enrodilhados com cuidado, tudo em uma palavra, annuncia a ordem, a actividade e a disciplina de um chefe experimentado.

O cobre brilhante que reveste o fundo da embarcação se vê á travez da agoa crystalina e serena, e fixando a vista por baixo da pôpa, pôde-se admirar um fundo de areia brilhante, sobre a qual descanga a ancora. Um pequeno escaler, preso ao schoner por um ligeiro cabo, conserva-se á pequena distancia d'elle.

(Continúa.)

VARIEDADE.

A donzella pallida.

(Paginas de um livro inedito.)

I.

Era por uma noite silenciosa de abril.

Eu vi a donzella melancolica, que os poetas idealisam, quando a humanidade, crivada de dôres, renegou as imagens risonhas do paganismo e veio lêr o propheta das lamentações á sombra da cruz expiadora do Calvario.

Erão suas faces sem côr, seus olhos sem luz, seus labios sem sorrisos, seu corpo sem altivez. Trazia as vestes negras das reclusas, desprendêra os cabellos de ebano ao sôpro inquieto da noite e fixava a vista nas nuvens diaphanas que divagavão pelo firmamento estrellado. Quem lhe attentasse nas faces veria o longo sulco das lagrimas, quem lhe tocasse as mãos polidas e delicadas, havia de sentil-as frias como o marmore de uma estatua antiga. Estava encostada ao pedestal de uma urna de flôres, no ultimo degráo da escadaria de seu palacio; parecia prender-se com immobildade de sua vida á fria pedra que a sustentava.

Mas de espaço á espaço suas mãos se contrahião, como que atacadas por um calafrio mortal, os labios se lhe tornavão roxos e os olhos tomavão a expressão de um espasmo doloroso. Depois o estremecimento instantaneo passava como o sôpro do zephyro por sobre as folhas seccas da campina e toda aquella organização dolorida tornava á quietação da morte....

Era o ultimo canto de um poema de lagrimas!

E a viração da noite passava entretanto pela folhagem verde-negra das mangueiras e pelas ramas flexiveis dos cedros e vinha incensar com o aroma do jardim silvestre aquella formosura decahida. Perto um regato se desprendia de um estreito canal e vinha cahir em baixo, nas bordas de um pequeno lago orlado de relvã, interrompendo com seu ruido cadenciado o adormecimento das cercanias.

Aquelle som metalico das aguas, que correm perenemente, ecoava no coração da pobre donzella, que sentia tambem escoar-se por suas fibras uma dôr lenta, que havia de findar nos cantos funebres da ultima pousada.

Ella soffrêra tanto!

(Continúa.)